



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ - BREVES  
FACULDADE DE LETRAS – FALE**

**A REPRESENTATIVIDADE LGBT NA HISTÓRIA EM  
QUADRINHOS HEARTSTOPPER**

BREVES – MARAJÓ

2024

**ANDERSON DOS SANTOS RODRIGUES**

**A REPRESENTATIVIDADE LGBT NA HISTÓRIA EM  
QUADRINHOS HEARTSTOPPER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras, Campus Breves, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior

BREVES – MARAJÓ

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S237 Santos, Anderson Rodrigues dos.  
A representatividade LGBT na história em quadrinhos  
heartstopper / Anderson dos Santos Rodrigues. — 2024.  
49 f. : il.  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Júnior  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de  
Letras, Breves, 2024.

1. representatividade LGBT. 2. história em quadrinhos. I. Título.

CDD 810

---



**ANDERSON DOS SANTOS RODRIGUES**

**A REPRESENTATIVIDADE LGBT NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
HEARTSTOPPER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Letras, da  
Universidade Federal do Pará – Campus  
Breves, como requisito para a obtenção  
do título de Licenciado em Letras –  
Língua Portuguesa.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior.  
(Universidade Federal do Pará)

---

Prof. Dr. Elson de Menezes  
(Universidade Federal do Pará)

---

Prof. Dr. José Sena  
(Unirio)

BREVES - MARAJÓ

2024

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, agradeço a toda minha família, em especial à minha mãe Selma, mulher forte e batalhadora que, apesar de não ter tido a oportunidade de ingressar em uma Universidade, sempre priorizou a educação de cada um dos filhos, dando a nós todo apoio e incentivo para perseverarmos ao longo de qualquer caminhada, o que me permitiu chegar a este momento e realização tão importantes.

Ao meu professor e orientador Dr. Luiz Guilherme que, durante a graduação, me inspirou com suas aulas e, inconscientemente, me despertou o desejo de trabalhar com a temática abordada neste trabalho, bem como me auxiliou na construção e desenvolvimento do tema, oferecendo seu conhecimento e me direcionando para que eu chegasse ao resultado final.

Ao meu amigo Rivaldo, pela contribuição feita, partilhando sua experiência e conhecimento acerca do tema, sempre se colocando à disposição para ajudar-me no que fosse necessário durante a construção do trabalho.

Às minhas duas melhores amigas Tamile e Marcelle, que compartilharam comigo a vivência durante todos esses anos de curso, tornando essa caminhada mais leve e alegre, apesar das dificuldades.

Aos professores e professoras, que compartilharam comigo os conhecimentos e experiências necessárias a cada disciplina deste curso que tanto me encantou.

Por fim, quero agradecer a mim, sobretudo por ter conseguido chegar até aqui, apesar das lutas e dificuldades diárias. Mesmo depois de alguns tropeços e contratemplos, consegui chegar ao final de mais uma etapa desta longa jornada de aprendizado acadêmico.

## RESUMO

Abordar e/ou discutir temáticas voltadas à sexualidade em quaisquer cenários ou ambientes, é, ainda nos dias atuais, um tabu. Nas instituições de ensino, por exemplo, raras vezes conteúdos relacionados à sexualidade, por exemplo, são colocados em pauta, sendo a ausência de conhecimento e falta de interesse as principais razões de tal feito. Contudo, cada vez mais se faz importante e necessário abordar tais temáticas, como as questões voltadas ao público LGBTQIAPN+, dada toda a violência que este povo sofre cotidianamente. Falar sobre o tema é necessário porque, entre outras coisas, propaga informações acerca e, direta ou indiretamente, contribui de forma significativa para a quebra de preconceitos e desigualdades. Assim, tendo em vista tais questões, o objetivo principal deste trabalho é abordar a condição atual da comunidade LGBTQIAPN+, a fim de identificar de que forma as personagens que se enquadram no movimento são retratados na ficção, tendo como objeto de estudo os quadrinhos de *Heartstopper*. Para tanto, o trabalho parte, inicialmente, de uma pesquisa bibliográfica, tendo como base os trabalhos de Cirne (1982), Guedes (2007), Leite (2019), e afins. Também há presença da análise qualitativa dos dois primeiros volumes dos quadrinhos de *Heartstopper*. Ao final do trabalho, concluiu-se, entre outras coisas, que a representatividade LGBTQIAPN+ dentro do quadrinho é vista em diferentes momentos e de formas distintas, seja nas relações homoafetivas tanto masculinas, quanto femininas, seja no acolhimento familiar, seja de quaisquer outras formas.

**PALAVRAS-CHAVE:** representatividade; heartstopper; LGBTQIAPN+.

## **ABSTRACT**

Addressing and/or discussing issues related to sexuality in any setting or environment is still taboo these days. In educational institutions, for example, content related to sexuality is rarely put on the agenda, with a lack of knowledge and interest being the main reasons for this. However, it is becoming increasingly important and necessary to address these issues, such as LGBTQIAPN+ issues, given all the violence these people suffer on a daily basis. Talking about the subject is necessary because, among other things, it spreads information about it and, directly or indirectly, contributes significantly to breaking down prejudices and inequalities. So, in view of these issues, the main objective of this work is to address the current condition of the LGBTQIAPN+ community, in order to identify how characters who fit into the movement are portrayed in fiction, using Heartstopper comics as the object of study. To this end, the work initially starts with bibliographical research, based on the works of Cirne (1982), Guedes (2007), Leite (2019), and the like. There is also a qualitative analysis of the first two volumes of Heartstopper comics. At the end of the work, it was concluded, among other things, that LGBTQIAPN+ representation within the comic is seen at different times and in different ways, whether in male or female homosexual relationships.

**KEYWORDS:** representativeness; heartstopper; LGBTQIAPN+.

## LISTA DE IMAGENS

01	“O segredo de Brokeback Mountain.....	16
02	“Hoje eu quero voltar sozinho”.....	17
03	“Tatuagem”.....	18
04	“Azul é a cor mais quente” .....	19
05	“POSE” .....	20
06	Gênero Hentai.....	23
07	Beijo gay na revista Vingadores – a cruzada das crianças.....	24
08	Objeto de estudo.....	26
09	O primeiro contato.....	28
10	Relacionamento tóxico.....	29
11	Homofobia nas escolas.....	31
12	Dúvidas sobre a sexualidade.....	32
13	Julgamento e preconceito.....	33
14	O primeiro beijo.....	35
15	“tudo culpa minha” .....	36
16	Conhecendo os amigos.....	37
17	Debates importantes.....	39
18	“Qual o problema de vocês?” .....	40
19	Liberdade de ser o que é.....	41
20	Assumindo-se para a mãe.....	43

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MOVIMENTO LGBT NO BRASIL – ENSAIO CONCEITUAL.....	13
<b>2.1 O movimento LGBT no contexto internacional</b> .....	15
<b>2.2 Representação LGBTQIAPN+ no audiovisual</b> .....	16
<b>2.3 Histórias em quadrinhos: censura e resistência</b> .....	24
<b>2.4 Estética visual dos quadrinhos</b> .....	29
<b>2.5 Apresentando Heartstopper</b> .....	29
3 REPRESENTATIVIDADE LGBT PARA ALÉM DA GENERALIZAÇÃO NARRATIVA.....	30
<b>3.1 HQ 1: Dois garotos, um encontro</b> .....	31
<b>3.2 HQ 2: Minha pessoa favorita</b> .....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

São muitas as abordagens sociais contemporâneas que carecem de ser pautas de discussão em quaisquer ambientes sociais, principalmente por conta da importância e necessidade destas discussões. Questões voltadas ao público LGBT, por exemplo, dada toda a violência que este público sofre cotidianamente, deveriam ser vistas com mais frequência, sobretudo em ambientes educacionais, governamentais e afins. Contudo, o que muito se vê são distanciamentos entre a realidade social e o respeito à comunidade, o que acarreta uma série de problemas.

A título de esclarecimento, é importante ressaltar que a sigla LGBT representa, entre outras coisas, uma luta de minorias (Lésbicas, gays, transexuais e afins) contra a opressão e desigualdade social. Mais do que isso, o movimento objetiva, entre outras coisas, que a comunidade LGBT não seja excluída da sociedade, tampouco perca seus direitos. O que sabemos é que, durante muito tempo, a comunidade LGBT foi isenta dos seus direitos unicamente por conta de sua orientação sexual, só adquirindo parte destes direitos após muitas lutas.

O estudo e a discussão acerca desta temática é de extrema importância, haja vista que a propagação de informação acerca do movimento contribui de forma significativa para a quebra de preconceitos e desigualdades para com os indivíduos que fazem parte dele. Afora, abordar esta temática também se faz necessária à medida que oportuniza ao público a disseminação de conteúdos e, direta ou indiretamente, oportuniza uma maior aceitação tanto da família, quanto da sociedade de um modo geral.

Uma das formas de promover a propagação de informação e, mais do que isso, de alcançar um público maior é fazendo uso de estratégias específicas, como, neste caso, das mídias televisivas. Assim, optamos por fazer uso da série *Heartstopper*, como ferramenta de estudo para compreender a forma como alguns personagens pertencentes ao movimento LGBT são representados tanto nos quadrinhos, quanto nas séries televisivas.

Abordar a condição atual da comunidade e, mais do que isso, identificar de que forma personagens que se enquadram no movimento são retratados na ficção, bem como promover o debate sobre a representatividade LGBTQIAPN+ nos quadrinhos são os principais objetivos deste trabalho. Antes, no entanto, é

importante destacar que o interesse inicial do trabalho é falar de aceitação, tanto social, quanto no quesito audiência do público que, comumente, consome séries, filmes e afins. Assim, pensando na influência que as mídias exercem sobre a população e, mais do que isso, no quão ela (mídia) é importante no processo de inserção, desenvolvimento e aceitação de personagens LGBT's no cinema, pensamos na construção e desenvolvimento deste trabalho.

A fim de atingir os objetivos, faremos uso da pesquisa bibliográfica, visando dar destaque ao movimento LGBT no Brasil, bem como nos aprofundar às maneiras como os personagens LGBT's vêm sendo representados na ficção, dando destaque aos quadrinhos de *Heartstopper*.

O trabalho estará dividido em algumas partes, a saber. O capítulo que segue trará uma breve discussão acerca do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, dando enfoque à sua chegada ao território nacional, sua importância para o movimento e as transformações que surgiram com sua chegada. Ainda neste capítulo, também é feita uma discussão breve sobre a representação LGBTQIAPN+ no audiovisual, dando enfoque à séries e filmes que trazem como principais personagens indivíduos ligados ao movimento. Dando seguimento ao capítulo, são feitas umas considerações acerca das histórias em quadrinhos, apresentando suas características e especificidades. Em seguida, a HQ de *Heartstopper* é apresentada, a fim de demonstrar do que a série trata e o porquê de ter sido escolhida como objeto de análise.

O capítulo seguinte passa a abordar a análise propriamente dita dos quadrinhos (objeto de estudo), dando enfoque à representatividade presente nestes, atrelada à generalização de personagens LGBTQIAPN+. Ainda neste capítulo, tem-se dois subcapítulos, haja vista que a análise fora dividida entre o primeiro e o segundo volume dos quadrinhos de *Heartstopper*. Por fim, são apresentadas as considerações finais, bem como a conclusão do trabalho.

## 2 MOVIMENTO LGBT NO BRASIL – ENSAIO CONCEITUAL

Discutir sobre a comunidade LGBT e sua inclusão na sociedade requer uma breve, porém significativa abordagem ao início do movimento social. Como sabemos, na sociedade, os grupos considerados minorias, são vistos como ameaças e, mais do que isso, não são aceitas, direta ou indiretamente. A classe LGBT, por exemplo, ainda nos dias atuais, mesmo com tantas lutas para que estes adquirissem seus direitos, sofre inúmeros tipos de preconceitos e discriminação, unicamente por conta de sua sexualidade.

Contudo, ainda em relação à importância e necessidade do movimento LGBT, é necessário compreendermos, de maneira gradativa, o início do movimento no Brasil. Acerca disso, é correto afirmar que

Neste cenário de pré-surgimento, que coincide com período de expansão dos centros urbanos no Brasil, os jornais impressos se apresentavam como um dos principais veículos de informação. É neste contexto que surgem as primeiras e mais significativas tentativas de produzir jornais direcionados exclusivamente para as questões da homossexualidade no país. A imprensa voltada para o público homossexual emerge em um momento de efervescência dos centros urbanos, período em que as pessoas começaram a se reunir e formar grupos de convivência e socialização. E é por meio deles que os indivíduos passam a se inserirem na vida em sociedade. Essas formações, no caso dos homossexuais, também funcionaram e ainda funcionam como um mecanismo de preservação da identidade individual para sustentar o convívio em uma sociedade que tende a excluir o comportamento desviante do padrão, neste caso o padrão heterossexista. (Santos, 2018, p. 18)

Assim, como afirma o excerto acima, a expansão dos centros urbanos trouxe consigo uma gama de mudanças na sociedade, como, por exemplo, a massiva concentração populacional, o crescimento do setor terciário, o crescimento das cidades, entre outras coisas. Assim, em meio à tantas mudanças, também começou a se falar sobre uma nova vertente de gênero, ou, ainda, uma orientação sexual que ia de encontro às consideradas tradicionais. Ainda de acordo com Santos (2018), os encontros iniciais da comunidade LGBT aconteciam em bares e clubes, visando conversar e discutir sobre as pautas de seus interesses e propor formas de conquistar os seus direitos.

Afora, os jornais impressos, de acordo com Santos (2018), começaram a dar uma visibilidade, ainda que mínima, para o público LGBT, tendo surgido, no ano de 1978, o primeiro jornal voltado à temática homossexual, intitulado *O lampião de*

*esquina*. Entre outras coisas, o jornal buscava dar uma maior visibilidade às reivindicações da população LGBT, bem como demonstrar seu descontentamento e oposição à ditadura militar que, na época, dominava o cenário nacional.

É de suma importância ponderar que o movimento LGBT, no Brasil, passou a se desenvolver em meio ao período da Ditadura e, por conta disso, o país passava por um momento muito delicado em sua história. Como sabemos, este período, entre outras coisas, trouxe para o Brasil o agravamento da desigualdade social, principalmente das minorias. Assim, discutir questões de orientação sexual, em uma época onde a desigualdade crescia de forma gradativa era, antes de tudo, um ato de coragem.

Não bastasse a questão da desigualdade social, a Ditadura Militar trouxe consigo o aumento significativo da censura que havia sido instaurada no país, isto é, apenas saía nas mídias (jornais) aquilo que o governo atual aprovava, deixando de lado as notícias que, por ventura, pudesse prejudicá-lo. Nesta perspectiva, como já falado em um outro momento, em meio às ações tão prejudiciais à sociedade, entram em vigor jornais pautados e/ou voltados diretamente à comunidade LGBT, dando destaque para os jornais *Lampião da Esquina* e o polêmico *ChanacomChana* que apesar de discorrerem sobre pautas da comunidade LGBT, também publicava notícias relacionadas às questões sociais de interesse mútuo.

Ainda neste contexto, “[...] surgiu também, neste mesmo período, ‘O Snob’, um jornal que desempenhou um papel importante para a formação de um ambiente mais permissivo às questões sobre a homossexualidade” (Santos, 2018, p. 19). Assim, como se vê, a propagação de informação acerca de conteúdos e abordagens com a temática homossexual contribuiu, consciente ou inconscientemente, com a criação e o desenvolvimento do movimento LGBT no Brasil.

Dando seguimento, é importante comentar que, ao surgir no Brasil, o movimento buscou promover o seu projeto de politização da questão da homossexualidade, haja vista que, até dado momento, o movimento era tido, pela maioria da sociedade, como não-politizado. Além disso, neste mesmo período, ocorreu o que ficou conhecido como *semana de debate*, onde, entre outras coisas, teve um dia voltado e/ou direcionado à imprensa alternativa. Em dado momento, foi criado um grupo que pudesse debater sobre as questões homossexuais e, em relação a isto, é importante dizer que

O grupo, nesse momento, era composto exclusivamente por homens. Sua primeira aparição pública ocorreu por meio de uma carta endereçada ao sindicato dos jornalistas, na qual um nome provisório foi adotado: Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais. Posteriormente, em dezembro de 1978, esse grupo foi rebatizado de SOMOS ó Grupo de Afirmação Homossexual, mediante convite para participação numa semana de debates sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados, a ser realizada no início do ano seguinte na USP. A partir desse debate, novos integrantes, inclusive mulheres, entram no SOMOS e dois novos grupos se formam: o Eros e o Libertos. ... interessante observar, em relação à forma como surgiam novos grupos, que um evento onde a questão homossexual teve destaque não só trouxe novos membros ao SOMOS como provocou o surgimento de novas iniciativas. (Facchini, 2003, p. 08)

Feito os esclarecimentos acerca do movimento LGBT, passaremos, neste momento, à discussão de como os personagens LGBT's eram e são representados nos meios audiovisuais.

## **2.1 O movimento LGBT no contexto internacional**

Assim como no Brasil, o movimento LGBT em distintos locais do mundo também foi fundamental para a aquisição dos direitos que vemos hoje, ainda que muito precise ser feito. Falar do movimento LGBT no contexto internacional requer, antes de tudo, promover uma discussão, ainda que de forma breve, sobre o surgimento da AIDS e a forma como esta epidemia refletiu impactos na sociedade do mundo todo. Acerca desta doença, é correto ponderar que a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Humana) é uma doença do sistema imunológico humano resultante da infecção pelo vírus HIV.

Dando seguimento, após o surgimento da epidemia da AIDS, várias razões de seu surgimento foram apresentadas, tendo a contaminação por macacos aceita no momento inicial. Contudo, o que interessa aqui é falar do preconceito social que a comunidade LGBT sofreu por conta da epidemia. No que diz respeito a isto, é válido afirmar que:

Quando o fenômeno da aids surgiu em todo o mundo, no início dos anos 80, o maior impacto da epidemia foi sobre a comunidade homossexual. Nessa época, nas manchetes de jornais ou em conversas de rua, o termo mais usado para referendar a epidemia que se iniciava era "a peste" ou "o câncer" gay. Para além de todo o preconceito social, os casos de aids que tinham maior notoriedade pública invariavelmente estavam relacionados aos homossexuais, o que resultava na associação direta de toda e qualquer morte por aids com o tipo de orientação sexual. Quem vivenciou essa fase inicial da epidemia, acompanhou a divulgação constante de relatos assustadores e de imagens chocantes de pessoas doentes de aids em leitos hospitalares. Esses tipos de relatos e imagens eram considerados

como uma espécie de “terapia de choque” para promover maior conscientização sobre a gravidade da situação que se impunha. (Brasil, 2002, p. 03)

Ainda neste contexto, podemos concluir que os preconceitos sociais, em sua maioria, advinham da condição sexual dos indivíduos, onde a sexualidade destes induzia a população ao pensamento preconceituoso de que apenas homossexuais eram infectados pela AIDS ou, ainda, que a doença se disseminava cotidianamente por conta deles. A falta de informação atrelada aos preconceitos sociais resultava em pensamentos e falas do tipo “a epidemia da aids era prova [...] de que esse tipo de orientação sexual era uma prática “contra a natureza humana” e, por outro, várias vertentes religiosas declaravam publicamente que a aids era “o castigo” infligido aos que ousavam praticar o sexo sem fins de procriação” (Brasil, 2002, p. 07).

Feito os esclarecimentos necessários, passaremos à pauta sobre a forma como a representatividade LGBTQIAPN+ é feita na ficção, dando enfoque ao audiovisual.

## **2.2 Representação LGBTQIAPN+ no audiovisual**

Antes de qualquer coisa, é necessário compreender a definição e/ou conceito de representatividade. Em relação a isto, é válido ponderar que, levando em consideração a Etimologia da palavra, de acordo com o dicionário “representação” vem da forma latina ‘repraesentare’ que, em linhas gerais, significa “fazer presente ou apresentar de novo”. Assim, o que nos interessa neste capítulo é mostrar a forma como personagens LGBT vêm sendo representados no audiovisual ao longo dos anos.

Abordar a temática homoafetiva, sobretudo no audiovisual, ainda nos dias atuais torna-se uma grande questão e/ou tabu. Ainda que a sociedade tenha passado por transformações ao longo dos anos e, mais do que isso, que a comunidade LGBTQIAPN+<sup>1</sup> tenha adquirido muitos direitos e, até certo ponto, respeito para com sua orientação sexual, ainda há muito – na falta de termo melhor – alvoroço em torno da inserção e desenvolvimento de personagens LGBT em novelas, séries, filmes e afins.

---

<sup>1</sup> (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexos, assexuais, pansexuais, entre outras identidades e orientações);

Afora, devemos considerar que, na maioria das vezes, o estereótipo do personagem homossexual, desde o surgimento destes personagens, sempre foi o mesmo. O autor inseria um personagem do sexo masculino e sugeria a homossexualidade por meio das atitudes sensíveis, trejeitos que lembrassem o sexo feminino e, mais do que isso, com um perfil voltado ao humor. Não havia ou, raras vezes, havia pouco desenvolvimento do personagem homossexual, o condicionando àquilo que conhecemos como “alívio cômico”.

Levando em consideração que “A representação, se refere ao fato de representar algo ou alguém de forma independente, e sem necessariamente estar relacionado aos seus semelhantes, e sim, às suas individualidades [...]” (Rocha, 2022, p. 31), seria ideal que os personagens do audiovisual, independentemente de sua orientação sexual, pudessem ter um desenvolvimento dentro da obra, tal como os demais personagens. Contudo, o que muito se vê, na maioria das obras são, como já falado, personagens homossexuais taxados como caricatos.

Sabemos que é muito difícil que abordagens e discussões sejam inseridas em determinados contextos, como, por exemplo, o contexto escolar. Muitas são as limitações e, sobretudo, preconceitos acerca da abordagem, o que dificulta suas discussões nestes ambientes. Até pouco tempo, por exemplo, raramente algum personagem LGBT era inserido na ficção, principalmente por conta das razões explanadas anteriormente. Não diferente era a aparição de indivíduos LGBT’s em periódicos, livros, quadrinhos e afins, o que sempre contribuiu, de forma significativa, para o aumento do preconceito para com esta classe.

Nos dias atuais, no entanto, a representatividade LGBT nos veículos midiáticos tem sofrido um aumento, seja na TV aberta, nas ditas plataformas de *streaming* ou, ainda, nas telas do cinema. O aumento considerável é resultado de muita luta em prol da ocupação de espaços sociais por indivíduos que pertencem à classe LGBT, bem como aos ditos movimentos minoritários. Na verdade, em relação a isto, vale pontuar que:

[...] os movimentos minoritários têm como chave a visibilidade pública para combater todas as formas de exclusão e preconceito, mesmo que estejam pautadas com discursos religiosos, médicos e legais, a fim de conquistar a igualdade de direitos entre o “homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco” e o restante da sociedade. Sabe-se que os movimentos sociais favoráveis as minorias têm ganhado força e com isso estão conquistando um espaço até então inexistente na mídia. A publicidade foi uma das primeiras a enxergar este crescente e assim retratar isso em seus anúncios e campanhas, já que a mesma caminha

paralelamente ao que está vigente na sociedade, migrando constantemente entre conceituações tradicionais, modernas e pós-modernas. (Leite, 2019, p. 4)

Como anuncia o excerto acima, em um primeiro momento, a publicidade foi o meio midiático o qual deu uma maior visibilidade para o público LGBT, sobretudo porque, vista a crescente social deste público, a publicidade – que, em teoria, acompanha as tendências sociais, visto que este é seu maior público – optou por colocar em seus anúncios a imagem e/ou construção de indivíduos homossexuais, sobretudo o público homossexual masculino.

Contudo, naquele primeiro momento, a interação entre os indivíduos homossexuais era muito limitada, deixando, muitas vezes, apenas a suposição, não afirmando nenhuma situação. Em todo caso, o preconceito social estava ali, ainda que velado ou, ainda, implícito. Contudo, apenas o fato de o meio midiático preocupar-se com a inclusão de indivíduos LGBT, ainda que parcialmente, já era uma conquista significativa para aquele momento. Dando seguimento, é importante pontuar que o que muito se discutia na época é que a publicidade, em meio às ações supracitadas, poderia contribuir para a emancipação das “representações sociais”. No que diz respeito a isto, é importante comentar, entre outras coisas, que

Essas “representações sociais” são construídas por meio de dois processos: um é denominado de “objetivação”, onde conceitos abstratos e desconhecidos são atrelados a um núcleo figurativo, ou seja, a um objeto concreto, mais passível de ser compreendido. O outro processo a que se refere o autor é a “ancoragem”, sob a qual este objeto concreto é comparado aos conhecimentos pré-existentes e outras representações sociais de um determinado indivíduo ou grupo. (Kurobe, 2021, p. 10)

Afora, falar sobre representações de personagens LGBT's dentro do audiovisual requer, também, apresentar ao leitor algumas opções de narrativas ficcionais que constroem e/ou desenvolvem personagens que façam parte da comunidade. Assim, nos momentos seguintes, apresentaremos algumas obras ficcionais (séries, filmes e afins) que possuem a temática abordada neste trabalho e que, por conseguinte, também dão destaque a personagens LGBTQIAPN+.

Imagem 01: “O segredo de Brokeback Mountain”



Fonte: imagens do Google.

O filme conta a história de Jack e Ennis que acabam se encontrando em um trabalho de verão, onde precisam atuar como rancheiros, cuidando de ovelhas. Devido ao contato diário e, quem sabe, a ausência de mais pessoas, os dois passam a criar intimidade e em determinado momento têm um contato sexual. Obviamente, a princípio, o sentimento se torna confuso, afinal ambos mantinham relação com mulheres. O verão e o trabalho acabam e os dois rapazes voltam para suas vidas habituais.

Ambos se casam e mantêm uma vida normal com suas esposas. Alguns anos depois se reencontram, renasce o sentimento entre eles e passam a ter encontros às escondidas. O filme é um romance no estilo faroeste, lançado no Brasil no ano de 2006 e dirigido por Ang Lee. O filme causou grande polêmica por conta da relação homoafetiva das personagens, sobretudo pelo fato de desconstruir o modelo do “cowboy” hetero que os espectadores estavam acostumados assistir em filmes do gênero faroeste.

Imagem 02: “Hoje eu quero voltar sozinho”



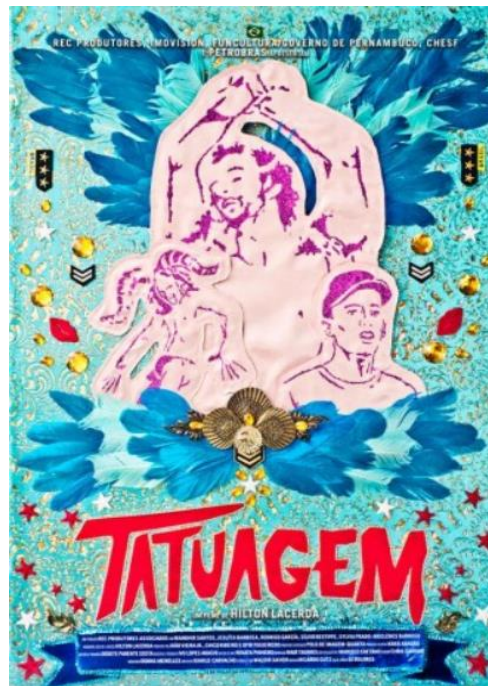
Fonte: imagens do google

No contexto do cinema brasileiro contemporâneo, vários filmes trabalham com essa temática homoafetiva, dentre eles, podemos destacar os filmes *Hoje eu quero voltar sozinho* e *Tatuagem*, embora tenham propostas diferentes quanto à abordagem da temática em questão.

Lançado no ano de 2010, tendo como diretor Daniel Ribeiro, narra a história de Leonardo, um jovem cego que tenta lidar com as dificuldades da vida, ao mesmo tempo em que convive com os cuidados e superproteção da mãe. O enredo do filme gira em torno da necessidade que Leonardo tem em buscar sua independência, apesar de suas limitações e, mais do que isso, busca demonstrar a construção e desenvolvimento não apenas da sexualidade do personagem quando Gabriel, um aluno recém-chegado à escola em que Leonardo estuda, passa a conviver com ele.

O filme em questão aborda a temática homoafetiva como um descobrimento da sexualidade ligada à amizade. A narrativa fílmica utiliza-se da sutileza, ao mesmo tempo, da leveza na forma de retratar os encontros e os sentimentos entre os amigos e parceiros no amor, diferente de *Tatuagem* que está dentro de um contexto de maior impacto quanto à expressão erótica e sexual dos corpos.

Imagem 03: Filme Tatuagem.



Fonte: imagens do Google

O referido filme se passa na época da ditadura, final dos anos 70, período que compreende o governo Ernesto Geisel. A narrativa fílmica mostra a vida artística e pessoal de Clécio, líder de uma trupe de teatro que funciona num espaço chamado “Chão de estrelas”. Dentro da equipe temos a personagem Paulete, que é a principal atração da trupe de atores.

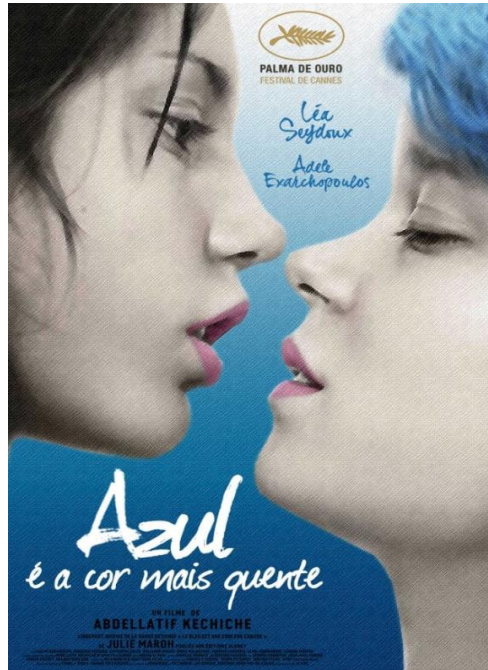
Quando o sobrinho de Paulete chega à cidade e passa a conviver com ele, desperta o interesse de Clécio, que se apaixona pela figura do jovem garoto, iniciando não apenas uma relação amorosa, mas uma cumplicidade quanto à profissão de ambos. Os dois passam a viver um romance em meio à toda repressão imposta pela ditadura. Ao mesmo tempo, o militar Arlindo Araújo, sobrinho de Paulete, vive uma grande luta pessoal pois, ele mesmo, integra uma farda no exército brasileiro como soldado.

O filme foi lançado no ano de 2013 tem direção de Hilton Lacerda e, por meio de grandes performances, faz uma crítica mordaz à hipocrisia hétero dos militares. A crítica recai sobre a questão da masculinidade militar que, dentro do quartel, exerce, entre os recrutas, relações homoafetivas.

No campo da homoafetividade feminina, destacamos um dos filmes mais comentados pela crítica cinematográfica, pois aborda de maneira explícita a relação

amorosa entre duas garotas. O que chama atenção no filme, do ponto de vista semiótico, é a opção pela cor azul para retratar a relação erótica entre elas.

Imagem 04: “Azul é a cor mais quente”



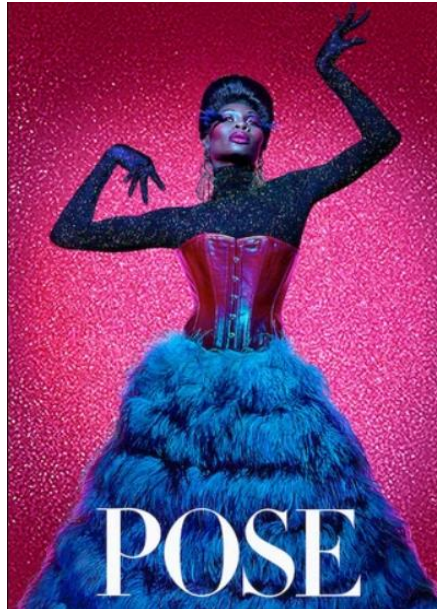
Fonte: imagens do Google

O filme é de 2013 e tem como diretor Abdellatif Kechiche. Nele surge a história de Adele, uma adolescente que está passando pelo processo de autoconhecimento e chegada da maturidade. Em meio aos problemas e dificuldades da vida, a personagem conhece uma garota de cabelo azul, diferente de todas que já tinha visto. O encantamento e a paixão ocorrem de forma imediata entre elas, e ambas começam uma relação tomada por descobertas afetivas e experiências quanto à potência sexual de seus corpos.

Do ponto de vista semiótico e da potência das cores, o azul está mais associado à leveza, ao mundo onírico e sensações ao nível espiritual; diferente do vermelho, tipo de cor mais usada para retratar momentos extremos de erotismo ou sensualidade no que diz respeito à ambientação que sugere espaços carregados de erotismo. O uso da cor azul no filme, no entanto, não ameniza a potência dos corpos em cena; ao contrário, potencializa a força dos gestos em cenas de grande plasticidade sexual entre as personagens.

Essa potência das cores também pode ser vista em uma série intitulada *Pose*, que, dentre outras coisas, retrata a realidade da comunidade LGBTQIAPN+, sobretudo a afro-americana, vivendo na cidade de Nova Iorque.

Imagem 05: Filme "POSE"



Fonte: imagens do Google

O enredo gira em torno da personagem Blanca, mulher trans que almeja conquistar seu sonho: ter um salão de beleza bem sucedido. A série aborda muitas temáticas e discussões, como o preconceito com a comunidade LGBTQIAPN+, a crise da AIDS, a dificuldade de aceitação social para indivíduos de orientações e/ou sexualidade diferentes, entre outras coisas. Lançada em 2008, possui três temporadas e foi idealizada e criada por Ryan Murphy, Steven Canals e Brad Falchuk.

Afora, ainda há muitos filmes e séries que abordam a temática discutida neste trabalho e, mais do que isso, que apresentam personagens LGBTQIAPN+, são eles: *Moonlight*, *Meninos não choram*, *Sex Education*, *Cruzeiro das Loucas*, dentre outras produções.

Feito essa contextualização acerca da representação LGBT no audiovisual, passaremos, no tópico seguinte, à discussão do gênero textual Histórias em quadrinhos, a fim de compreender sua definição e características.

### 2.3 Histórias em quadrinhos: censura e resistência

As histórias em quadrinhos têm início na segunda metade do século XIX, a partir da divulgação em jornais por meio das chamadas “tirinhas”. Inicialmente, as histórias eram rápidas e com temas ligados à sátira humorística. No entanto, essas tiras já traziam em seus pequenos quadros o humor, a paródia e a ironia, por exemplo, se pensarmos no sucesso que teve a tira *The Yellow Kid* (“O menino amarelo”), lançada no jornal *New York World* pelos idos de 1895:

O humor se confunde com o surgimento das histórias em quadrinhos. Desde o início do século XIX, aumentaram os exemplos de desenhos cômicos nos jornais de diferentes países da Europa e das Américas. Na maioria, eram trabalhos caricatos, curtos, que ajudaram a firmar a linguagem usada hoje nos quadrinhos (Ramos, 2009, p. 187).

Décadas depois, nos anos 30 do século XX, o gênero começa a ganhar maior autonomia, com publicações próprias que abordavam temas mais gerais, sobretudo, a aventura e o heroísmo. Era a chamada “idade de ouro” dos quadrinhos, quando a propaganda de guerra e a chegada dos heróis se confundem do ponto de vista ideológico. Segundo Cirne (1982, p. 20), “o quadrinho é também discurso que se faz político (ao nível de sua especificidade). Assim como o posicionamento ideológico manifesta-se nos mais variados níveis de articulação formal, o político em todos os níveis”.

O *Superman* e o *Capitão América*, por exemplo, com seus uniformes coloridos, colocam em evidência a força militar americana, assim como a potência da indústria dos gibis. No mesmo período, outros heróis se juntariam a essa temática da guerra como é o caso do Homem de Ferro, tipo de empreendimento que daria origem a um dos personagens mais conhecidos do público, junto com o não menos famoso, noutro contexto, o Batman. De acordo com abordagem de Cirne (1982, p. 38),

O mito do super-herói, e mais particularmente do Super-Homem, é o mito da classe média americana em busca de auto-afirmação, identificando-se com a prepotência imperialista (que invade ideológica, econômica e militarmente países periféricos do chamado ‘Terceiro Mundo’).

Após essa eclosão da indústria dos quadrinhos, e do surgimento de vários personagens no cenário estadunidense, os anos 50 foram marcados pela censura.

Nesse contexto, o psiquiatra alemão Frederic Wertham realizou uma campanha para fiscalizar as publicações em quadrinhos, com o intuito de vedar temáticas ou imagens que fossem de encontro aos “bons costumes”. Para Wertham, os gibis eram totalmente nocivos para os leitores mirins. As teses do referido autor foram publicadas em *A sedução dos inocentes* (1954), livro que agradou os conservadores de plantão e começou a aplicar um selo com atestando que o quadrinho foi avaliado pela censura vigente. Como explica Luyten (1987, p. 36) acerca das consequências de tais medidas,

começou-se uma campanha contra as HQ. Muitos artigos e livros apregoavam que os quadrinhos eram maléficos para as crianças e que eram os culpados pela delinquência juvenil. O livro ‘*Sedução dos inocentes*’, de Frederic Wertham. Através de uma seleção parcial, procurava ele demonstrar que os responsáveis por todos os males do mundo era os quadrinhos. Chegava a absurdos como o exemplo da moça que virou prostituta porque lia HQ.

*Seduction of the innocent*, criou a tese de que os quadrinhos não ajudavam na formação das crianças, mas, sim, levava seus leitores à delinquência e desrespeito à ordem social. O chamado “código de ética dos quadrinhos” propunha censurar qualquer tipo de imagem de nudez, de natureza sexual e homossexual, além de temas violentos. As histórias em quadrinhos passaram a vigorar, de certa maneira, como uma “ferramenta” pedagógica moralizante, e manual de respeito às instituições.

Ainda na segunda metade do século XX, quadrinistas como Robert Crumb, com seu estilo *underground*, afrontou o código dos quadrinhos com tiras altamente críticas acerca o ideal do *american of life*. Crumb, por meio do esculacho e da nudez extrema das figuras, torna-se o porta voz contra as concepções de Wertham. Nesse sentido, “as proibições da associação, que visavam à proteção da vida familiar, eram atacadas de uma forma ainda mais forte do que a simples exibição dos temas proibidos; Crumb atacava ferozmente a própria vida familiar” (Silva, 2002, p. 23).

Ainda nessa época, com o advento da *contracultura*, os quadrinhos entram numa fase cada vez mais contestadora, já que temos naquele contexto o surgimento dos movimentos estudantis, hippies e o rock como estilo musical da juventude. A banda desenhada, como também era chamada, passa a exercer grande fascínio no público leitor, sobretudo por sua carga visual, diversificando-se em vários gêneros como vemos a seguir:

Quadrinhos de protesto, eróticos, sádicos, pornográficos etc. São quadrinhos que trazem uma visão da realidade que não é privilegiada pelos quadrinhos tradicionais. Essa característica aproxima-os de segmentos da sociedade que, de alguma forma, sentem-se insatisfeitos com os valores dominantes. Nesse sentido, esses quadrinhos constituem espaços privilegiados para que desejos, expectativas, necessidades, sonhos desses segmentos possam se expressar, seja diretamente como produtores, seja por processos que passam pela fantasia (Silva, 2002, p. 12).

Com essa diversificação do gênero, ainda na segunda metade do século XX, a indústria japonesa ganha força com diversos gêneros, sobretudo o Hentai, que tem um conteúdo erótico e pornô (fronteira bem difícil de demarcar do ponto de vista conceitual), dentro de um contexto em que a censura, do ponto de vista, institucional, não consegue vedar tais produções. Conceitualmente, “O termo hentai é uma ocidentalização do japonês e pode ser traduzido como pervertido ou anormalidade. Este tipo de material erótico-pornográfico é muito popular entre os japoneses”.<sup>2</sup>

Imagem 06: Gênero Hentai.



Fonte: imagens Google.

Historicamente, o tema homoafetivo, nos quadrinhos, remonta a história de personagens como, por exemplo, o personagem Estrela Polar, do grupo chamado Tropa Alfa, da editora Marvel. Numa das revistas, ele se casa com Kyle Jinadu. Ainda nesse contexto, Batwoman (Kate Kane), antes vista como suposta namorada do Batman, surge na *DC Comics* como uma personagem lésbica<sup>3</sup>. Assim, notamos

<sup>2</sup> Disponível em: <https://conceitos.com/hentai/> Consultado em: 23/01/2024.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/conheca-super-herois-gays-da-marvel-da-dc-23932487>

que as novas edições de heróis do passado, a partir de debates da atualidade, surgem e causam polêmica ao se assumirem gays em revistas de conteúdo juvenil.

Na contemporaneidade, a partir da expansão do quadrinho para o público juvenil, surgiu uma das cenas mais debatidas no que concerne ao mundo dos super-heróis. Os jovens Vingadores Hulkling e Wiccano protagonizam uma cena de beijo que causou uma grande polêmica no universo dos quadrinhos mundiais. O polêmico “beijo gay” impulsionou a venda da HQ que passou a ser vendida como “reliquia” para certos colecionadores.

Imagem 07: beijo gay na revista *Vingadores – a cruzada das crianças*.



Fonte: imagens do google.

Na Bienal do livro do Rio de Janeiro, em 2019, o quadrinho foi censurado pelo prefeito Marcelo Crivella, ação esta que fez a revista se tornar campeã em vendas. O efeito da censura não foi o esperado pela prefeitura do Rio e a procura fez esgotar rapidamente a história em quadrinhos<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/hq-com-beijo-gay-dos-vingadores-dispara-nas-vendas-e-chega-a-custar-r-250>. Consultado em: 23/01/2024.

## 2.4 A estética visual dos quadrinhos

Do ponto de vista estrutural, as histórias em quadrinhos são um gênero textual e visual que, em linhas gerais, contam histórias por meio de imagens, mas não somente. Além da representação visual, há, ainda, a presença de texto escrito dentro das histórias em quadrinhos, dentre outros recursos estéticos e semióticos. A premissa das histórias em quadrinhos é a possibilidade de atingir os mais variados públicos, cada gênero de acordo com certa faixa etária, uma vez que trabalha a linguagem verbal e não-verbal capaz de despertar o interesse por conta, sobretudo, de temáticas envolvendo o heroísmo.

Levando em consideração a construção das histórias em quadrinhos, enquanto gênero textual, por exemplo, elas apresentam algumas características que, comumente, compõe um texto narrativo, isto é, um texto que conta uma história. Acerca destas características, podemos destacar o enredo, personagens, tempo, espaço e afins. Desta maneira, quando se fala em neste gênero textual quadrinístico, há de se levar em consideração a forma como as histórias são contadas e, mais do que isto, o alcance que este tipo de texto tem. Contudo, é importante frisar que as histórias em quadrinhos não se alimentam apenas do texto verbal, pois há quadrinhos em que este recurso desaparece, dando lugar às imagens que contam, sem esse auxílio, a trama para o leitor ou leitora. Sobre isso, como pontua Eisner (1989, p. 8),

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinho é um ato de percepção estética e de esforço intelectual.

Não obstante, é correto pontuar, ainda, que as histórias em quadrinhos são uma ótima forma de promover e/ou incentivar a leitura em sala de aula, haja vista que, por conta de sua estrutura, condiciona aos alunos uma maior identificação com o gênero e, por conseguinte, desperta o interesse destes alunos para com a leitura. Afora, acerca deste gênero, é correto destacar que

As histórias em quadrinhos consolidam-se, no Brasil e no mundo, como enredos narrados quadro a quadro, com ampla utilização de textos verbais e não-verbais, bem como do discurso direto, característico da língua falada.

Constituem- se, portanto, como um gênero discursivo secundário que [...] aparece, normalmente, em circunstâncias de comunicação cultural na forma escrita e engloba gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de comunicação verbal. (Nabão, 2019, p. 09)

Como explica o excerto acima, o diferencial das histórias em quadrinhos são um diferencial justamente por conta da sua estrutura e, por entre outras coisas, envolver a linguagem verbal e não-verbal. No que diz respeito à esta última, sabemos que a presença de imagens em textos voltados à leitura acaba despertando um maior interesse por parte do leitor, principalmente nas séries iniciais, onde os alunos estão sendo introduzidos nesta prática.

Dando seguimento, o autor supracitado ainda menciona que, apesar dos benefícios que as histórias em quadrinhos podem trazer ao processo de aquisição da leitura, poucos são os professores que se dispõem a fazer uso deste gênero textual, ora por conta do desconhecimento acerca, ora por conta de não se preocupar em inovar nas práticas metodológicas de ensino e fazer uso unicamente dos métodos tradicionais, o que acaba limitando o aprendizado dos alunos.

## 2.5 Apresentando Heartstopper

Imagem 08: objeto de estudo.



Fonte: imagens do google.

Em linhas gerais, *Heartstopper* pode ser compreendida como uma série de quadrinhos de origem britânica que, desde o seu lançamento, vem fazendo muito sucesso com públicos de diferentes idades. A história foi criada pela autora britânica Alice Oseman e, entre outras coisas, conta a história dos personagens Charlie e

Nick, ambos adolescentes que frequentam a mesma instituição de ensino. A priori, a história busca demonstrar o início ou, ainda, a construção, minuciosa, de uma relação homoafetiva entre um adolescente assumidamente homossexual (Charlie) e um adolescente (Nick) que ainda está descobrindo sua sexualidade em meio a uma sociedade assumidamente preconceituosa.

Acerca das características dos personagens protagonistas, vale ressaltar que tanto Charlie, quanto Nick são adolescentes que, apesar de frequentarem a mesma escola, não possuem coisas em comum. Por ser jogador do time da escola, Nick passeia por um universo heterossexual, rodeado de garotas e garotas populares, sendo o que chamamos de “querido por todos”. Charlie, por outro lado, é o típico garoto tímido, esforçado nos estudos e que não se permite popularizar, ora por conta de sua timidez, ora por conta de sua orientação sexual, temendo o preconceito.

Em dado momento, os garotos se aproximam em sala de aula e começam uma amizade que, aos poucos, vai se desenvolvendo para um outro sentimento. A premissa do enredo é demonstrar a construção de uma relação homoafetiva entre um indivíduo assumidamente homossexual e outro que, por conta de sua condição social, reprime, em um primeiro momento, seus desejos e, por conseguinte, sua orientação sexual.

Feito os esclarecimentos acerca do enredo da obra a ser analisada, passaremos, neste momento, à análise propriamente dita, dando enfoque aos dois primeiros volumes publicados no formato de quadrinhos.

### 3 REPRESENTATIVIDADE LGBT PARA ALÉM DA GENERALIZAÇÃO NARRATIVA

A priori, devemos dizer que a comunidade LGBTQIAPN+ é vista sob perspectivas preconceituosas porque isso foi construído historicamente. A sociedade, de um modo geral foi – na falta de termo melhor – educada para lidar com a homossexualidade, por exemplo, de forma negativa, por meio de preconceitos e afins, tudo isso construído pelo “mundo heteronormativo”. Afora, é comum que indivíduos homossexuais (mas não somente) sejam representados na ficção de forma estereotipada, ora voltados ao lado cômico, ora sem nenhuma relevância para o enredo.

Quando se fala em representatividade, há de se levar em consideração que este termo pode ser compreendido como o atendimento de uma vontade que é das minorias. Mais do que isso, a representatividade também diz respeito à igualdade de representação (em quaisquer âmbitos) de indivíduos de diferentes etnias, orientações, culturas e afins. No que concerne ao trabalho disposto aqui, nos interessa dispor a maneira como indivíduos LGBT são representados no gênero narrativo, em específico nos quadrinhos da autora Alice Oseman, intitulado *Heartstopper*. Dito isto, passaremos agora à análise do primeiro volume da obra, onde alguns trechos serão dispostos e analisados.

### 3.1 HQ 1: Dois garotos, um encontro

Imagem 09: o primeiro contato



Fonte: produto da pesquisa.

O primeiro trecho a ser analisado na obra diz respeito ao primeiro contato dos protagonistas Charlie e Nick. A premissa da história é apresentar os personagens em contextos específicos. Charlie é um adolescente assumidamente homossexual em um uma época onde a homossexualidade ainda era um tabu, inclusive para os homossexuais. Nick, por sua vez, é o típico garoto popular, líder do time da escola. É importante ressaltar que, apesar da sua condição, Nick é apresentado como um

garoto sensível, educado e receptivo, o que já o diferencia da maioria dos personagens literários que, assim como ele, assumem a condição de “garoto popular”.

A priori, notamos o receio de Charlie em se aproximar quando o professor sugere que este faça dupla com Nick. Dentre os muitos medos, o que mais incomoda o personagem é a forma como Nick poderá reagir, sobretudo por conta de sua sexualidade e de preconceitos sociais como a homofobia. No que diz respeito a isto, é correto ponderar que

Na etimologia do termo homofobia, desde sua criação, perpassam não apenas concepções da esfera privada ao se referir a emoções negativas como antipatia, desprezo, preconceito, aversão, ódio e medo irracional àqueles identificados como pertencentes à comunidade LGBT; como também uma dimensão pública em que situações de preconceito, discriminação e violência são recorrentes e executados não somente por indivíduos ou grupos homofóbicos, mas também por instituições nas mais variadas esferas sociais cuja pretensão resume-se, basicamente, em naturalizar e manter as hierarquias sociais. (Santos, 2015, p. 14)

Como destacado no excerto acima, a homofobia faz referência a discursos negativos, constrangedores e intimidadores acerca da sexualidade do indivíduo e, conseqüentemente, o reprime. Atrélendo este preconceito ao quadrinho aqui analisada, cabe ponderar que o personagem Charlie, ora por conta da timidez, ora por conta da reação que o colega de turma poderia ter, teve receio de se aproximar.

Imagem 10: relacionamento tóxico.



Fonte: produto da pesquisa

Uma das temáticas abordadas nos quadrinhos e, conseqüentemente, na série é o relacionamento tóxico que o protagonista assumiu com um dos jogadores do time do colégio em que estuda. Por conta da sexualidade de Charlie, o garoto que se interessou por ele nunca quis assumir uma relação, então ambos se encontravam às escondidas. Em dado momento, Charlie se incomodou com toda essa situação e resolveu dar um basta, o que despertou um certo desconforto na relação, tornando-a violenta.

Assim, levando em consideração que “[...] pessoas LGBTQIAPN+ têm sido um dos grupos mais discriminados, excluídos e estigmatizados, enfrentando situações de violência e de particular vulnerabilidade social, dificuldades em acessos a esferas fundamentais” (Pereira, 2022, p. 07), é cada vez mais difícil que indivíduos homossexuais assumam quaisquer tipos de relações, sobretudo relações afetivas. Mais difícil ainda é quando as relações se desenvolvem com indivíduos que, para a sociedade, são considerados heteros, mas mantém relações homoafetivas de maneira escondida.

Nos quadrinhos, é notório a relação tóxica que se desenvolve entre Charlie e um dos jogadores do time da escola. A premissa da relação é o sentimento de posse que o jogador tem sobre Charlie, que acaba atingindo proporções altas, como a violência física e psicológica. Em dado momento, Charlie opta por se desfazer dessa relação, ora por conta da agressão sofrida, ora por conta da necessidade que o parceiro tinha em esconder o ocorrido. Assim, entre outras coisas, uma das abordagens tidas nos quadrinhos é a relação tóxica a qual um dos protagonistas é submetido.

Imagem 11: homofobia nas escolas.



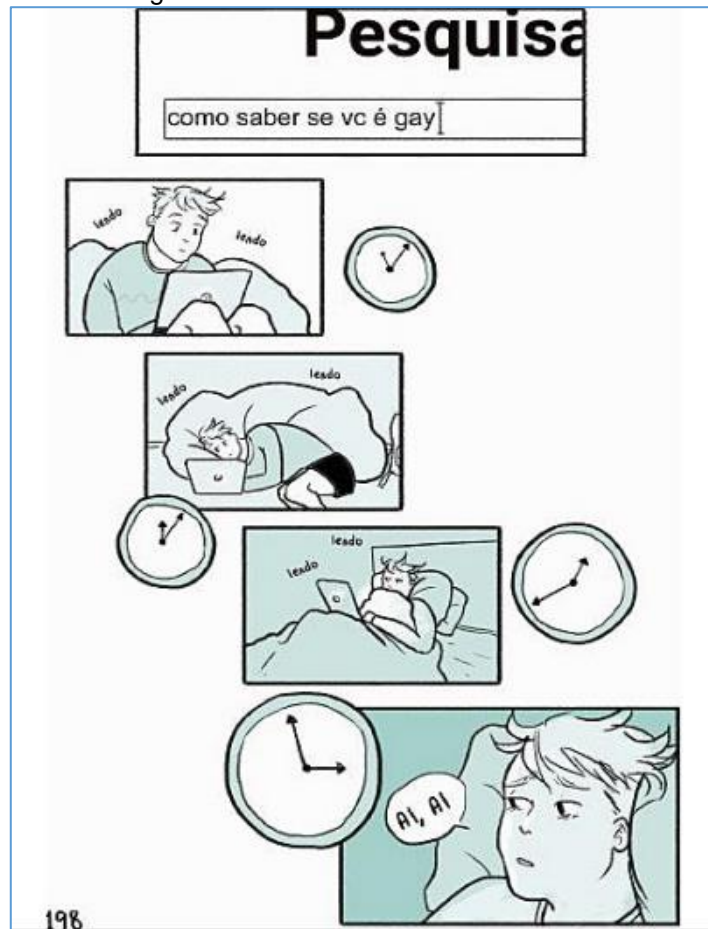
Fonte: produto da pesquisa.

Uma das temáticas abordadas dentro da história é a homofobia presente na escola. O retrato da homofobia é feito, muitas vezes, de forma mascarada, velada, sobretudo quando Charlie passa a frequentar o time da escola. De início, os demais jogadores fingem aceitar o garoto no time, ora por conta de suas habilidades com o esporte, ora por conta daquilo que a treinadora pede. Contudo, em dado momento, como aponta a imagem acima, os jogadores passam a questionar a aproximação de Nick, capitão do time, com Charlie, insinuando um interesse homoafetivo entre ambos.

Ainda em relação à homofobia presente nas instituições de ensino, é importante destacar que, na maioria das vezes, a situação se agrava devido à falta de preocupação das escolas em relação à discussão do tema. Na verdade, em relação a isto, é correto afirmar que “[...] durante muito tempo, a sexualidade foi ignorada pelas escolas, provavelmente porque durante muitos anos o ensino foi fortemente influenciado pelo cristianismo [...]” (Erbisti, 2011, p. 28). Assim, devido a isto, abordar a homofobia – bem como outras abordagens sociais – ainda é um verdadeiro tabu em sala de aula e muito disso também se dá devido ao despreparo

dos professores para abordar tal assunto. Dito isto, passaremos à análise de mais uma das cenas do quadrinho.

Imagem 12: dúvidas sobre sua sexualidade.



Fonte: produto da pesquisa.

Como já falado no decorrer deste trabalho, a descoberta da sexualidade é, na maior parte das vezes, um processo doloroso e rodeado de medos, sobretudo medo do julgamento social. Tal abordagem também é pauta nos quadrinhos aqui analisados. Em dado momento, Nick, um dos protagonistas, começa a confundir os sentimentos que sente por Charlie e isso, de certa forma, o assusta. Levando em consideração que “vivemos numa sociedade capitalista e desigual, onde o machismo e o heterossexismo são reforçados nas diversas esferas de poder” (Gonzales; Andrade, 2019, p. 3), assumir-se homossexual é, antes de qualquer coisa, estar sujeito à diversas críticas e preconceitos, haja vista que uma grande parcela da sociedade ainda fecha os olhos para as diferentes construções sociais, como a homossexualidade.

Afora, é correto pontuar que, ainda de acordo com Gonzales; Andrade:

[...] a sociedade criou dispositivos que regem a conduta sexual dos indivíduos. Deste modo, organiza-se o que é dito e sabido sobre a sexualidade humana. O “poder saber” é um dispositivo que carrega em si toda uma verdade moral, criando os padrões de atos puros e impuros, naturais e não naturais. Assim, a sociedade vem regendo normas e engendrando padrões; criam-se as várias “classificações” da sexualidade humana: heterossexuais, bissexuais, homossexuais, transexuais, entre outros, gerando então, identidades limitadoras, que engendram a sexualidade humana e padronizam o desejo e atuação. Nota-se que até as expressões da sexualidade ditas como marginais sofrem tal padronização. (2019, p. 4)

Assim, como vimos na imagem supracitada, o personagem, confuso com sua sexualidade, busca informar-se sobre isso na internet. Indiretamente, também percebemos a ausência de diálogos acerca da sexualidade, seja no âmbito familiar, seja no âmbito escolar. Dessa forma, devido à ausência de informação, há, também, ainda que indiretamente, o aumento do preconceito e, de certa forma, o reforço deste.

Imagem 13: julgamento e preconceito.



Fonte: produto da pesquisa.

O preconceito está presente em todas as esferas da sociedade e na maioria das vezes ele é fruto do desconhecimento acerca de determinado assunto. No que concerne à história em quadrinhos aqui analisada, é nítido que há um preconceito, ainda que velado, com o personagem Charlie. Apesar de ter sido aceito para o time de futebol, o personagem não fora aceito pelos demais indivíduos do time. Assim, como vemos na imagem acima, os demais jogadores passam a julgar Nick por conta da proximidade que este tem com Charlie. A crítica dos demais personagens gira em torno da amizade que Charlie e Nick construíram e que, na concepção deles, beira um interesse afetivo.

Partindo da premissa de que a maioria dos preconceitos sociais aumentam gradativamente devido à falta de discussão ou informação a respeito, se faz necessário, cada vez mais, discutir tais abordagens em sala de aula e/ou no âmbito escolar. Na verdade, em relação a isto, é importante afirmar que

A sociedade brasileira vive profundas transformações que não podem ser ignoradas por nenhuma instituição democrática. Cresce no país a percepção da importância da educação como instrumento necessário para enfrentar situações de preconceitos e discriminação e garantir oportunidades efetivas de participação de todos nos diferentes espaços sociais. [...] Cada vez mais a homofobia é percebida como um grave problema social, e a escola é considerada um espaço decisivo para contribuir na construção de uma consciência crítica e no desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos. Reside aí a importância de se promoverem ações que forneçam a profissionais da educação diretrizes, orientações pedagógicas e instrumentos para consolidarmos uma cultura de respeito à diversidade de orientação sexual e de identidade de gênero. (Junqueira, 2009, p. 07)

Assim, como explica o excerto acima, é necessário que as instituições de ensino se interessem por abordar temáticas sociais em sala de aula, a fim de promover (in)formação aos alunos e, por conseguinte, diminuir o preconceito existente para com as minorias. Mais do que isso, é importante que as escolas, sejam elas de caráter público ou privado, disponham de profissionais qualificados para atender as vítimas de preconceitos.

Imagem 14: o primeiro beijo.



Fonte: produto da pesquisa.

Mediante o desenvolvimento da amizade entre os protagonistas, notamos que, de fato, há um interesse afetivos entre ambos. Nick, outrora confuso, começa a compreender melhor os seus sentimentos e passa a não se importar com os comentários alheios. É interessante ponderar aqui a construção do relacionamento de ambos. Diferentemente do que costuma ser retratado no audiovisual, a aproximação dos protagonistas foi retratada da mesma forma como retratam um casal heterossexual. Comumente, como já falado, personagens homossexuais tinham características lúdicas, caricatas, voltadas ao humor. Apresentar um casal homossexual como protagonistas e, mais do que isso, desenvolver de forma gradativa a relação deles é um dos grandes diferenciais de *Heartstopper* e, conseqüentemente, um dos objetivos a ser apresentado neste trabalho.

Ainda em relação ao primeiro beijo dos protagonistas, vimos que o processo de autoaceitação de Nick foi sendo desenvolvido aos poucos. Assim, no que diz respeito a isso, é preciso considerar que

O processo de aceitação da própria homossexualidade é árduo e ser homo ou heterossexual independe de escolha pessoal, [...] é difícil para um adolescente assumir-se homossexual devido à rejeição e à discriminação existentes no meio social e na família, por isso, muitos homossexuais não se expõem e se isolam, tentando se defender da violência homofóbica. [...] Sabemos que a adolescência é a etapa da vida em que as manifestações sexuais se intensificam e a identidade sexual se reafirma. (Santos; Barros, 2005, p. 07)

Assim, é importante ponderar que o processo de autoaceitação homossexual, como explica os autores supracitados, é difícil, sobretudo por conta do medo da repreensão familiar, social e afins. Desta forma, assumir os sentimentos e apropriar-se disso, principalmente na fase da adolescência, acaba se tornando uma grande questão e, conseqüentemente, um martírio. Feitos os esclarecimentos necessários, passaremos, neste momento, à análise da segunda HQ de *Heartstopper*.

### 3.2 HQ 2: Minha pessoa favorita

Imagem 15: “tudo culpa minha”



Fonte: produto da pesquisa.

Uma das abordagens também apresentadas na história é a insegurança do personagem Charlie, principalmente por conta de sua orientação sexual. Nesse sentido, são presentes no texto situações em que o personagem se sente culpado por coisas que, em sua maioria, não são de sua responsabilidade. Como aponta a imagem acima, Charlie se sente culpado por conta do beijo que aconteceu entre Nick e ele. Além disso, fica explícito no texto o apego que o personagem tem por Nick e isso, de certa forma, acaba colaborando para a insegurança que sente. Acerca disso, Guedes (2007) comenta sobre os comportamentos de apego e, no que diz respeito a isto, cabe mensurar que:

Tais comportamentos compõem um sistema motivacional, objetivando a manutenção da proximidade e do apoio de figuras de apego. Estas promovem e mantêm uma base de segurança e de “porto seguro” em qualquer situação ameaçadora para o indivíduo. A experiência dessa “base” favorecida (ou não) pelas figuras de apego constituirá, a partir do período das representações simbólicas, a estrutura de conhecimento sobre os sinais emitidos pelas pessoas que indicam possibilidade ou impossibilidade de formar ou manter o apego. (Guedes, 2007, p. 3)

Desta maneira, aliando a HQ à citação supracitada, vemos que Charlie se vê na necessidade de estar perto de seu afeto, contudo, devido à sua insegurança, acaba construindo, em sua mente, situações que o afasta de seu objetivo.

Imagem 16: conhecendo os amigos.



116

Fonte: produto da pesquisa.

Em meio à confusão de sentimentos, os protagonistas compreendem o que sentem um pelo outro e, por conta disso, assumiram uma relação, ainda que escondida em um primeiro momento. Contudo, é importante pontuar que a construção do relacionamento diferencia da forma como, geralmente, são retratados no audiovisual, o que já é um diferencial. Afora, se faz necessário dar destaque também à outras abordagens que, na história, são retratadas de uma forma natural, como, por exemplo, a transexualidade. Ele é a personagem transexual apresentada na HQ e, como já falado, a personagem é inserida em contextos naturais e, ao menos no primeiro momento, não se vê muita movimentação contrária (preconceitos) para com ela.

Acerca do que foi falado acima, se faz importante destacar a necessidade de discutir sobre a diversidade social, isto é, diferentes pessoas convivendo juntas e de forma natural. No que se refere a isto, cabe pontuar que:

Em um contexto de sistema social, a questão da diversidade é caracterizada pela dominância de grupos majoritários, que tem maior representatividade, poder e recursos, em detrimento a grupos minoritários [...] A diversidade refere-se a características humanas que diferenciam as pessoas umas das outras [...], ou seja, é “um misto de pessoas com identidades grupais diferentes dentro do mesmo sistema social” [...] aponta que a diversidade se insere em um complexo de significados, crenças e valores que norteiam os pensamentos, discursos e verdades sociais, elementos centrais de constituição dos espaços universitário. (Pinheiro, 2018, p. 06)

Assim, vemos em *Heartstopper* discursos e abordagens importantes e necessários acerca da diversidade social, sobretudo voltada à comunidade LGBT. Neste sentido, se faz importante a inserção de personagens que compõe a comunidade, ora por questões de representatividade, ora para que o público/leitor consiga compreender melhor as esferas.

Imagem 17: debates importantes.



Fonte: produto da pesquisa.

Um dos grandes diferenciais das HQs de *Heartstopper* é a maneira como os personagens LGBT são retratados. Como já falado, a forma como todos os personagens LGBT são construídos e desenvolvidos dentro da história diferem da maioria das produções textuais e/ou audiovisuais, sobretudo quando se trata de indivíduos adolescentes. A representação está além da generalização que comumente vemos, o que torna a obra mais interessante na perspectiva do leitor que, em sua maioria, podem se identificar com a diversidade de personagens.

É interessante ponderar que, durante muito tempo, os personagens homossexuais foram generalizados na ficção, sempre alocados em um estereótipo que se distanciava da representatividade. Mais do que isso, era comum que personagens LGBT não fossem bem desenvolvidos. Afora, vale considerar que:

Outro aspecto recorrente da representação LGBTQIA+ na mídia, é a morte de personagens dessa minoria. [...] consiste na morte de personagens LGBTQIA+ e também destacam algumas características que o envolvem,

sendo elas: o personagem deve ser uma das únicas representações LGBTQIA+ no cânone da história, sua morte motiva os personagens sobreviventes ou tem pouca relevância na trama, tal fatalidade poderia ser evitada fora da ficção. (Rodrigues, 2019, p. 21)

Assim, levando em consideração que, de acordo com Rodrigues (2019), era recorrente a morte de personagens LGBT na ficção, ver, em *Heartstopper*, personagens sendo desenvolvidos de forma significativa e eficaz contribui para a representatividade da comunidade.

Imagem 18: “Qual o problema de vocês?”



Fonte: Produto da pesquisa

A representatividade presente na obra não se limita às construções e desenvolvimento dos personagens LGBT, pelo contrário. Uma das abordagens mais significativas dentro das HQs é o preconceito homofóbico, principalmente dos demais jogadores do time da escola, amigos de Nick. Como já falado, a princípio tais personagens acolheram Charlie, mas sempre buscaram estar distante dele, por conta de sua orientação sexual. Quando percebem a aproximação de Nick,

começam a questionar a amizade dos protagonistas e tecer comentários preconceituosos, desmerecendo Charlie unicamente por conta de sua sexualidade.

Mediante esta perspectiva, se faz relevante mais uma vez colocar em pauta a necessidade de se discutir temáticas sociais em sala de aula, como, por exemplo, os debates acerca do preconceito contra a comunidade LGBT. Antes, no entanto, é relevante discutir sobre a homofobia mascarada. No que concerne a isto, de um modo geral, vale dizer o seguinte:

Homofobia pode ser entendida como uma forma de preconceito e aversão às homossexualidades em geral. [...] (...) a heterossexualidade é o referencial dominante da sexualidade, o que lhe confere privilégios, legitimidade e autoridade. As identidades homossexuais são representadas como sujas, imorais, nojentas, aberrações, desviantes, ilegítimas, e em expressões simpáticas ou politicamente corretas como alternativas. [...] a aversão à homossexualidade parece residir no medo de 'parecer ser', o que poderia ferir a imagem de masculinidade hegemônica almejada por muitos meninos. (Costa, 2013, p. 7-8).

Em outras palavras, o excerto acima buscou destacar que a heterossexualidade, por muito tempo, vinha sendo tida como a única orientação sexual aceita socialmente e, como vemos, ainda nos dias atuais, uma boa parcela da população ainda pensa assim. Nesta perspectiva, a homossexualidade é condenada, direta ou indiretamente, aumentando assim o medo e/ou receio de exposição de casais homoafetivos, sobretudo por conta do julgamento, preconceito e afins.

Imagem 19: liberdade de ser o que é.



Fonte: produto da pesquisa.

Uma das cenas mais importantes dentro das HQs é o momento em que o casal de protagonistas consegue viver a relação deles longe das pessoas que conhecem. A premissa do momento é precisar se afastar das pessoas, para poderem viver o que um casal hetero viveria em público. A liberdade de ser o que é também é uma das abordagens dentro da história, haja vista que os personagens LGBT, como falado em um outro momento, têm uma construção e desenvolvimento gradativos.

Sabemos que, por lei, o ser humano tem direito à sexualidade, isto é, orientar-se sexualmente da forma que desejar. Contudo, na prática, vemos que a sociedade, muitas vezes ignorantes e/ou mal informadas acerca das mudanças sociais, acaba não permitindo que alguns indivíduos vivam sua sexualidade, o que acarreta em vários problemas já citados ao longo deste trabalho. No que diz respeito ao direito à sexualidade, é sabido que

A sexualidade integra a própria condição humana. É um direito humano fundamental que acompanha o ser humano desde o seu nascimento, pois decorre de sua própria natureza. Como direito do indivíduo, é um direito natural, inalienável e imprescritível. Ninguém pode realizar-se como ser humano, se não tiver assegurado o respeito ao exercício da sexualidade, conceito que compreende a liberdade sexual, albergando a liberdade da livre orientação sexual. O direito de tratamento igualitário independente da tendência sexual. A sexualidade é um elemento integrante da própria natureza humana e abrange a dignidade humana. (Dias, 2007, p. 11)

Ainda neste contexto, a autora pontua, entre outras coisas, que o ser humano, independentemente da idade, classe social ou afins, tem o pleno direito de exercer sua sexualidade de forma gradativa, bem como tem o direito de exigir respeito da sociedade quando estiver exercendo a orientação sexual que escolheu. Contudo, o que muito se vê, ainda nos dias atuais, são casais homoafetivos que se privam, se policiam e temem expressar-se tal qual um casal de forma aberta, por conta do preconceito social que há.

Imagem 20: assumindo-se para a mãe.



Fonte: produto da pesquisa

Assumir a homossexualidade é um processo, na maioria das vezes, árduo, difícil, principalmente porque a sociedade, de um modo geral, ainda possui certas restrições quanto ao que considera diferente. Contudo, quando o indivíduo consegue compreender seus sentimentos e entender suas preferências sexuais, entra em discussão um novo desafio: assumir-se para a família. É sempre um desafio conversar determinados assuntos com algum familiar, sobretudo por conta da dificuldade de compreensão do familiar que, muitas vezes, foi criado em um ambiente ou época em que a homossexualidade era reprimida.

O apoio e o acolhimento da família são de primordial importância no processo de descoberta e autoaceitação da homossexualidade. Por outro lado, sabemos que em muitos casos não é o que acontece. Na verdade, em relação a isso, é correto pontuar que “As condenações históricas da homossexualidade advindas das influências sociais e históricas que colocam a heterossexualidade como norma universal, retratam uma cena de exclusão e violência dentro das famílias [...]” (Souza, 2018, p. 03). Contudo, mais uma vez, na HQ, a mãe do protagonista Nick, ao ficar sabendo da orientação sexual do filho, o acolhe e dar apoio, o que mais uma vez difere da maioria de outras obras ficcionais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, como falado no decorrer do texto, o principal objetivo deste trabalho é identificar de que forma os personagens LGBT são retratados na ficção, bem como abordar a condição atual da comunidade LGBT, levando em consideração a análise dos quadrinhos de *Heartstopper*. Assim sendo, algumas considerações devem ser feitas, a saber. De imediato, é interessante comentar que a premissa da história é apresentar a construção e/ou desenvolvimento de uma relação entre um personagem assumidamente homossexual e outro que ainda está no processo de autoconhecimento e aceitação.

Dito isto, vale considerar que, na maioria das vezes, quando inseridos em narrativas ficcionais, os personagens LGBT não têm um lugar de destaque e, além disso, são apresentados no núcleo humorístico, conhecidos como o “alívio cômico” da obra. Isso, como sabemos, acaba generalizando a comunidade e impedindo, por exemplo, a representatividade de indivíduos homossexuais de uma forma que difira do humor. *Heartstopper*, por outro lado, nos apresenta um outro viés de construção da relação homoafetiva, dando destaque aos protagonistas e atribuindo a estas características de casais heterossexuais, dando naturalidade à construção.

Afora, outro objetivo a ser destacado aqui é representatividade LGBT presente na obra. Além dos personagens protagonistas, a história também nos apresenta um casal de lésbicas e uma personagem transexual. O desenvolvimento dos demais personagens também se dá de forma gradativa e, mais do que isso, também apresenta ao leitor uma diversidade social vasta, que permite a identificação própria e – na falta de termo melhor – uma determinada intimidade com os personagens que estão ali representados.

Em suma, devemos destacar que este trabalho oferece contribuições para possíveis discussões futuras acerca da abordagem temática retratada aqui. Além disso, é importante concluir que há necessidade de pautas e discussões como estas dentro do âmbito educacional, independentemente do nível de ensino, a fim não apenas de promover informação e orientação a respeito da diversidade sexual, mas também para promover, ainda que a longo prazo, a amenização e/ou diminuição de preconceitos voltados à comunidade LGBT.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **O movimento homossexual e a AIDS**. Brasília, 2002. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manHSH202.pdf>. Acesso em 03 de março de 2024.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé/Angra, 1982.

ERBISTI, Marcella dos Santos. **Homofobia: a sexualidade na escola, preconceito explícito ou velado?**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2189/1/2011\\_MarcelladosSantosErbisti.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2189/1/2011_MarcelladosSantosErbisti.pdf). Acesso em 07 de fevereiro de 2024.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. São Paulo: Biblioteca digital, 2003. Disponível em: [https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20788\\_arquivo.pdf](https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20788_arquivo.pdf). Acesso em 24 de janeiro de 2024.

GUEDES, Dilcio Dantas. **Modelos de apego, homossexualidade masculina, e depressão: um relato de experiência**. Piauí: Universidade Estadual do Piauí, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4r8vrJkSsgCwRCHv3RdYwqP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06 de fevereiro de 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. Disponível em: [https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_volume32\\_diversidade\\_sexual\\_na\\_educacao\\_problematizacoes\\_sobre\\_a\\_homofobia\\_nas\\_escolas.pdf](https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf). Acesso em 07 de fevereiro de 2024.

KUROBE, Pedro Cella. **Representações sociais da homossexualidade masculina no cinema**. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/26343/1/Pedro%20Cella%20Kurobe.pdf>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

LEITE, Davi Aparecido. **Call me by your name: representatividade LGBT no cinema**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/971/o/gt4\\_texto1.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/971/o/gt4_texto1.pdf). Acesso em 21 de novembro de 2023.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: Ver. Katal, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de novembro de 2023.

LUYTEN, Sônia Maria Bibe. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NABÃO, Rosângela Martins. **Um olhar sobre o gênero textual histórias em quadrinhos**. Paraná: Revista dia a dia, 2019. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_rosa\\_nabela\\_martins\\_nabao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_rosa_nabela_martins_nabao.pdf). Acesso em 22 de janeiro de 2024.

RODRIGUES, Ana Paula da Rosa. **Representatividade LGBTQIA+ na mídia: uma análise da série *The 100* acerca do anticonsumo**. Pampa: Universidade Federal do Pampa, 2019. Disponível em: [https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/7196/1/Ana\\_Paula\\_da\\_Rosa\\_Rodrigues.pdf](https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/7196/1/Ana_Paula_da_Rosa_Rodrigues.pdf). Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

SANTOS, Ana Rodrigues dos. **O preconceito nas relações sociais entre homossexuais e heterossexuais: uma análise documental**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33215/1/O%20Preconceito%20nas%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Sexuais%20entre%20Homossexuais%20e%20Heterossexuais%20-%20Uma%20an%C3%A1lise%20documental%20%281%29.pdf>. Acesso em 26 de janeiro de 2024.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, Diego Sena da. **Representação e Representatividade LGBTQIAPN+ no cinema: maiores bilheterias da globo filmes no século XXI**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/48579/7/RepresentatividadeLGBTQIAPN%2B%20noCinema\\_Rocha\\_2022.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/48579/7/RepresentatividadeLGBTQIAPN%2B%20noCinema_Rocha_2022.pdf). Acesso em 07 de fevereiro de 2024.

SANTOS, Luiz Felipe Souza. **História do movimento LGBT brasileiro: interpretações sobre a dinâmica política da relação entre o movimento social e a estrada**. Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2018. Disponível em: [http://177.105.2.222/bitstream/1/39422/1/TCC\\_\\_Hist%C3%B3ria%20do%20movimento%20LGBT%20brasileiro%3B%20interpreta%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20a%20din%C3%A2mica%20pol%C3%ADtica%20da%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20o%20movimento%20social%20e%20o%20estado.pdf](http://177.105.2.222/bitstream/1/39422/1/TCC__Hist%C3%B3ria%20do%20movimento%20LGBT%20brasileiro%3B%20interpreta%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20a%20din%C3%A2mica%20pol%C3%ADtica%20da%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20o%20movimento%20social%20e%20o%20estado.pdf). Acesso em 03 de novembro de 2023.

SILVA, Nadilson Manoel da. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: Annablume, 2002.